



Artes cruzadas

O ciclo de exposições **“Um outro olhar”**, que o Museu de Artes Decorativas Portuguesas iniciou em 2009 com a exposição “Segredos e Relíquias” da ceramista Teresa Pavão, tem continuidade este ano com a exposição “Laboratório #5 - Welcome”. O nome é uma escolha do Grupo Laboratório, constituído em 2006 pelas artistas Graça Pereira Coutinho, Maria Pia Oliveira e Sofia Castro, a quem se juntaram para este projecto Cristina Ataíde, Alexandra Corte-Real, Alexandra Oliveira, Bela Silva, Pedro Reis Gomes e Ana Fonseca para apresentar cerca de 30 obras ao longo do percurso do Museu



LABORATÓRIO #5 WELCOME

Museu de Artes Decorativas
Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva,
Lisboa, até 27 de setembro

O grupo Laboratório funciona em espaços diferentes dos comuns através de convites a diversos artistas, tendo até hoje tido 32 colaboradores, sendo esta a sua quinta mostra. Desta vez, os intervenientes são nove, e o lugar escolhido podia revelar-se, à partida, particularmente difícil, não só pela sua qualidade de museu tradicional de artes decorativas mas sobretudo pelo seu aspeto de casa nobre recheada de objetos de qualidade e prestígio, numa densidade de coleção, longe de qualquer neutralidade, que prolonga gostos e vivências do seu fundador. A resposta dada por cada um dos autores é diversa, como é diversa a sua colaboração com o espaço, com a equipa do museu e com os mestres restauradores e copistas da fundação.

Os tipos de intervenção acontecem dos mais diversos modos, passando da ocupação de um espaço optando pelo maior contraste (Maria Pia de Oliveira e Graça Pereira Coutinho), pelo sublinhar de espaços acrescentado elementos (Pedro Reis Gomes e Graça Pereira Coutinho), pelo jogo de escalas apostando na diferença dos materiais, indo da joia à escultura (Alexandra Corte-Real), pela transformação dos objetos do museu vestindo-os com uma especial teia (Alexandra Oliveira), pelo desafio ao público (Cristina Ataíde e Ana Fonseca) e por uma espécie de mimetismo camaleónico, inventando objetos que, de repente, se podem confundir com peças da coleção, tornando assim mais curiosa a sua descoberta (Bela Silva e Sofia Castro). Trata-se de uma exposição na exposição (permanente), uma forma de intervir que não altera estruturas mas que permite mutações e interrogações diversas, neste caso ampliadas pelo leque de técnicas utilizadas por nove intervenientes que vêm de práticas bem diferenciadas.

José Luís Porfírio